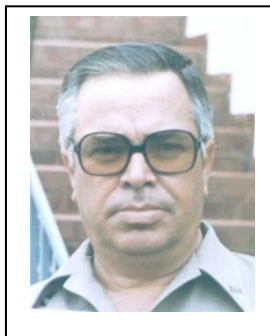


CORRESPONDENTES DE GUERRA DO BRASIL QUE ACOMPANHARAM A FEB NA ITÁLIA



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Acadsemiasde História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História,sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a proposito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982.

Artigo do autor digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim a AMAN em 2014 e integrado ao Pergamum de bibliotecas do Exército

CORRESPONDENTES DE GUERRA DO BRASIL QUE ACOMPANHARAM A FEB NA ITÁLIA



Cel Cláudio Moreira Bento - Historiador Militar e Jornalista

(Presidente da FAHIMTB e da AHIMB/Resende Marechal Mário Travassos)

Para acompanhar as forças brasileiras na Itália, enviaram correspondentes de guerra os seguintes jornais do Brasil: **Diário Carioca** enviou Rubem Braga; o **Correio da Manhã** - Rui Brandão; os **Diários Associados** - Joel Silveira e José Barros Leite; **O Globo** - Egidio Squeff; a **Agência Nacional** - Tharsilo C. Nike e Horácio G. Sobrinho (repórteres) e Fernando S. S. da Fonseca e Adalberto Cunha (cinégrafistas); o **Jornal do Brasil** - Alberto D. Abranches. Se credenciou junto à FEB o jornalista da **BBC de Londres**, Francis Hallowel, apelidado Chico da BBC que ao final da guerra radicou-se no Brasil e escreveu livro sobre a guerra. Destacaram-se os correspondentes Rubem Braga e Joel Silveira que produziram depois valiosos trabalhos sobre a FEB. Pleiteou ir como correspondente de guerra pelo **Correio da Manhã** o jornalista Carlos Lacerda, mais tarde governador do Rio de Janeiro, segundo declarou ao veterano e historiador da FEB Joaquim Xavier da Silveira, autor de **A FEB por um soldado** (Rio, Nova Fronteira, 1989).

Os correspondentes estiveram agregados à FEB, em Pistóia. Eles produziram valiosa documentação sobre a FEB que em grande parte está reunida na **ANVFEB (Associação de Veteranos da FEB)** localizada na Rua das Marrecas, no Rio de Janeiro. Ela, junto com a documentação oficial recolhida, indexada e reunida em sala espacial pelo **Arquivo Histórico do Exército**, no Palácio Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, quando éramos o seu Diretor 1983/90, é a mais a vasta bibliografia e hemerografia produzida, indexada em **Tesaurus da FEB** existente na citada ANVFEB e de autoria do historiador e veterano da FEB, e patrono de Cadeira da FAHIMTB o falecido Cel. Francisco Ruas Santos, permitem recompor em detalhes a atuação militar do Brasil no **TO do Mediterrâneo**, bem como o perfil do combatente brasileiro, que lá combateu em defesa da Democracia e da Liberdade mundiais, o que foi muito bem ensaiado pela **Escola de Comando e Estado-Maior do Exército**, em 1962, bem como o perfil de seus chefes.

Os correspondentes de guerra Rubem Braga e Joel Silveira, por exemplo, deixaram assinalados em seus escritos a providencialidade do comandante escolhido para comandar a FEB e a sua grandeza como soldado.

Em 12 de dezembro de 1944 a FEB, ainda bisonha, teve um insucesso no ataque a Monte Castelo, o que levou seu comandante a ser pressionado na histórica **Conferência do Passo de Futa, QG do IV Corpo de Exército dos EUA**, em que o gen. Crittenberger fez as seguintes e consecutivas perguntas ao gen. Mascarenhas; "**Quais os motivos da derrota de hoje? A FEB tem ou não tem capacidade de combate?**" Em conseqüência, com este e outros problemas, os brios do General Mascarenhas levam-no a pensar em pedir renúncia do comando da FEB, no que foi convencido ao contrário pelo General Cordeiro de Farias. Sobre isto comentou o mais tarde grande

cronista Rubem Braga, veterano correspondente de guerra na Revolução de 1932, no túnel da Mantiqueira, além de historiador da FEB, com o excelente livro **Com a FEB na Itália**. Observou ele com agudeza:

"Foi bom que o Gen. Mascarenhas não renunciasse e que ficasse. Com o seu Estado-Maior dividido, os inevitáveis desentendimentos (ou difíceis entendimentos) com o Comando Aliado, à displicência com que o Rio de Janeiro atendia os pedidos da FEB, os ciúmes e prevenções da retaguarda e as durezas da guerra, só um homem da respeitabilidade, da energia e da paciência do General Mascarenhas poderia levar a campanha até o fim como ele fez, com êxito".

Joel Silveira, ao entrevistar Mascarenhas de Moraes já consagrado pelo povo brasileiro como marechal vitalício e perguntar-lhe sobre o que mais desejava na vida, teve como resposta: **"Merecer o respeito e apreço público"**.

Na mesma época da pressão injusta recebida por Mascarenhas de Moraes no Passo de Futa, uma Divisão americana de 15 mil homens foi reduzida a 8 mil, em avanço na direção de Bologna que foi bloqueada. No momento em que se realizava a Conferência de Futa, os alemães haviam contra-atacado na região de Camaiore e Viareggio, obrigando duas divisões americanas a um recuo de 5 Km.

Na resposta dos brasileiros ao **IV Corpo** foi enfatizada a incompatibilidade da missão atribuída à FEB pelo **IV Corpo** e o fato de, ao contrário da FEB, nenhuma divisão americana, mesmo a melhor, quer no pacífico, quer na Europa, quer no Mediterrâneo, haver entrado em combate, sem haver completado o ciclo de instrução. Ou seja, um ano de instrução nos EUA, três meses no TO e um mês de adaptação.

E que a instrução da FEB tinha sido incompleta no Brasil, por culpa do governo e, na Itália, por culpa do **Comando Aliado**. E mais que a FEB não podia fazer julgamento próprio de sua capacidade de combate, tarefa que cabia ao comando americano. O comando do **IV Corpo**, convencido de que o que havia era uma forte reação inimiga na frente, informou que a capacidade de combate da FEB estava fora de apreciação e que ela deveria de qualquer maneira manter as posições ocupadas.

A partir daí, o General Mascarenhas mudou seu estilo de comando. Passou a interferir diretamente nas Operações e a ter uma visão melhor delas com resultados muito positivos, compensando assim divergências em seu Estado-Maior que têm sido abordadas na extensa bibliografia sobre a FEB e particularmente nas obras de seu comandante. **A FEB por seu comandante** e na de seu chefe de Estado-Maior, Cel Floriano de Lima Brayner, **A verdade sobre a FEB**, considerada pelo veterano Octávio Costa **"como apaixonada e perversa, escrita para denegrir a reputação de seus rivais militares e que apesar da evidente má-fé e da ótica de dono da verdade é essencial para o conhecimento da FEB por dentro"**.

A polarização das divergências se situou entre o comandante da FEB e seu chefe de Estado-Maior e o estudo histórico crítico das mesmas encerra valiosas lições de **Chefia e Liderança Militar**. Livro importante é **Mascarenhas de Moraes e sua época** (Rio, Bibliex, 1983, 2v) de autoria de veterano e herói da FEB e mais tarde consagrado historiador militar e geopolítico brasileiro, e hoje depois de acadêmico da FAHIMTB e hoje patrono de uma de suas cadeiras especiais o falecido General Carlos de Meira Mattos, que na paz colaborou com o Marechal Mascarenhas de Moraes, hoje consagrado patrono de cadeira numerada da FAHIMTB e cujo titular hoje é o seu neto, o acadêmico **Cel Roberto Mascarenhas de Moraes**. Colaboração nos livros **A FEB por seu comandante** e **Memórias**, além de autor do clássico **Roteiro da FEB** desenhado por Alberto Lima. Meira Mattos foi oficial de ligação do comando da FEB, tendo assumido o comando da **Companhia do 1º Batalhão do 11º RI**, que em sua primeira missão de combate entrou em pânico e recuou temporariamente, sem conseqüências táticas, em 3 de dezembro de 1944, da posição que ocupava

na Frente de Guanela, episódio que é rico de ensinamentos a comandantes de companhias e pelotões. Meira Mattos recuperou o moral da Companhia depois de substituir seu comandante, sendo por isto agraciado com importante condecoração americana.

O correspondente de O **Globo** Egydio Squeff produziu excelente trabalho que, impresso no Rio, voltava ao front sob a forma de O **Globo Expedicionário** noticiando feitos da FEB, dando notícias da guerra como um todo, notícias do Brasil e que levava aos pracinhas brasileiros, segundo o falecido Dr Roberto Marinho:

"nos alojamentos e nas trincheiras, as mensagens, as brincadeiras, as palavras de ânimo de familiares e amigos... e a idéia de que não estavam sós e a noção cie que seus sentimentos tinham sentido de participação na construção de um mundo novo."

Em 1985, nos 40 anos da Vitória, a **Agência Globo** editou obra O **Globo Expedicionário**, onde Joel Silveira, em artigo "**O Pracinha desarmado**", traduz a experiência colhida por ele e pelos demais correspondentes, que poderá servir de orientação para futuros correspondentes. De sua experiência e vivência na guerra diz a certa altura: "**Cheguei a Itália com 26 anos e depois de nove meses estava com 40 anos. A guerra é nojenta! O que ela nos tira nunca mais devolve.**" Da convivência com seus companheiros lembrou com carinho as palavras que primeiro escutava dentro da barraca, pronunciadas com sotaque gaúcho pelo correspondente Squeff, por ocasião da Alvorada no rigoroso inverno dos Apeninos: "**Guerreiros, de pé! Á luta!! Temos que acabar com essa porcaria de guerra! Estou doido para voltar para casa e para o meu chopinho na Galeria Cruzeiro**".

Em 1985, um jornalista, colega dos correspondentes de guerra que acompanharam e sofreram com os pracinhas da FEB, William Waak, após pesquisa em Londres, Washington, Bonn e Friburgo, com a "**Preocupação de cotejar a versão oficial e laudatória da FEB, com o relato de alemães e americanos**", publicou o livro **As duas faces da glória**. A obra trouxe interessante e originais revelações: sobre a 232ª Divisão de Infantaria alemã, cujo **1.043º Regimento de Infantaria** a FEB enfrentou nos Apeninos e sobre a preocupação louvável e satisfeita do General. Mascarenhas de Moraes de que a FEB não viesse a ser usada como "**bucha de canhão**" pelos aliados, dado o seu caráter simbólico na luta contra o Eixo, no contexto aliado e a constatação de haver nascido no curso de sua pesquisa "**profunda simpatia pelos brasileiros simples e humildes, lançados sem treinamento e sem preparo numa guerra cujo sentido e alcance muito deles nunca entenderam**".

O autor de **As duas faces da glória** que alguns veteranos chamaram de "**A outra face da glória**" por conter referências negativas à atuação da FEB, às quais colocadas isoladamente, agrediriam o pracinha brasileiro que lá foi lutar e que deu o melhor de si como soldado do terceiro mundo, ao lutar e vencer após hercúleo esforço de adaptação doutrinária militar, tecnologia militar, psicológica e ecológica (montanha e inverno na neve) contra ou em aliança com os melhores soldados do primeiro mundo presentes na Europa na guerra. As críticas de **As duas faces da glória** concentraram-se nos ataques a Monte Castelo e em outros pontos que provocaram grande indignação entre os veteranos, muitos dos quais, afeitos às letras, responderam de diversas formas, às quais devem ser levadas em consideração na leitura do livro em foco. Com relação às falhas e erros que apontam com apoio em relatórios americanos, elas são comuns em tempo de guerra a todos o exércitos. Constatar isso basta ler-se **História de um soldado** do Tem Gen Omar Bradley (Bibliex, 1957) em que ele focaliza, de observatório privilegiado, a invasão da Europa pela Normandia. Noutras obras do gênero, os erros e falhas crassos se constataam entre os aliados e o Eixo durante esta guerra e de grande repercussão tática e estratégica. Nas condições de confusão, extrema tensão, medo e de possibilidades de perda da vida a qualquer momento, os erros e falhas

são comuns num clima de guerra, daí a expressão muito corrente nos meios militares mundiais, **"ganha a guerra quem erra menos"** A leitura de **As duas faces da glória** não pode ser feita isolada e sim junto com os trabalhos produzidos pelos jornalistas brasileiros correspondentes de guerra que acompanharam a FEB e aqui focalizados e mais a bibliografia brasileira e estrangeira sobre esta guerra, para que desta obra, com imparcialidade e isenção, se possa retirar os ensinamentos para a posterioridade que ela em verdade contém. Em realidade não se depara com versão oficial séria laudatória que afirme que a FEB teve um papel decisivo ou predominante na Itália. Ela cumpriu muito bem a missão que lhe coube, com vitórias e insucessos, os últimos reconhecidos pelo seu comandante e que ocorreram na fase que o autor de **As duas faces da glória** reconheceu que a FEB **"foi lançada na guerra sem treinamento e preparo"**.

Em realidade a FEB representou 1/30 trinta avos das divisões de diversas nacionalidades, com predominância expressiva de americanos e ingleses, presente na Itália no final da **Batalha dos Apeninos**. A Itália foi uma frente secundária destinada a fixar : efetivos no Eixo que poderiam reforçar as frentes de invasões aliadas da França, pelo Sul, pela Normandia. A missão do **VIII Exército inglês** na Itália, em relação ao **V Exército dos EUA** foi a principal. A missão do **IV Corpo de Exército do V Exército** foi a principal como encarregado da conquista de **Monte Belvedere - o pivot dos Apeninos** e, em cuja defesa **232ª Divisão de Infantaria alemã**, com Quartel-General em Pavulo, concentrou seu esforço defensivo ao final da **Batalha dos Apeninos**. O **Monte Belvedere**, por sua vez .flanqueava **Monte Castelo**. A FEB, no contexto do **IV Corpo**, teve a missão secundária de conquistar Monte Castelo depois de a missão principal, **Monte Belvedere** e **Monte dela Torraciaa**, haver sido confiada à **10ª Divisão de Montanha dos EUA**, especializada para aquelas missões Habilitação que a **1ª Divisão de Infantaria Expedicionária** da FEB não possuía, mas quei cumpriu com galhardia e valor, ao conquistar Monte Castelo, ou o ponto 101/19 para a defesa alemã em, 21 de fevereiro de 1945.

A FEB no contexto mundial da **Segunda Guerra** foi de pouca expressão. Foi mais um símbolo na luta em defesa do mundo livre. Para o Brasil e seu povo foi grande o seu significado. Pois a FEB foi a única **Força Expedicionária** enviada à Europa por um país da **América Latina**. Ela traduziu um esforço nacional hercúleo para um país então essencialmente agropecuário, em recrutá-la e prepará-la, em sua primeira participação militar extracontinental como nação independente.

Seus integrantes tiveram de derrubar grandes barreiras para se adaptarem rapidamente à **Doutrina Militar Americana**, à **Tecnologia Militar** que vigorou na Europa e à **Ecologia** de um campo de batalha montanhoso, em inverno com neve, psicologicamente às circunstâncias de distância da pátria, enquadrados por Exército de uma grande nação industrial, além de enfrentarem soldados com excelente fama de valor militar

Doutrinariamente teve de adaptar-se da **Doutrina Militar Francesa**, vigorante desde 1920, à Americana.

Tecnologicamente teve de adaptar-se à motorização, mecanização e radiofonia militar com as suas complexas implicações, em substituição ao cavalo, ao mular e outros meios de comunicações menos modernos que o rádio. **Ecologicamente** foi adaptar-se montanha e à neve esta só conhecida por alguns brasileiros em cartões de Natal.

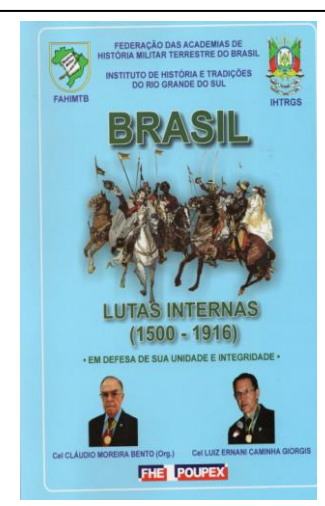
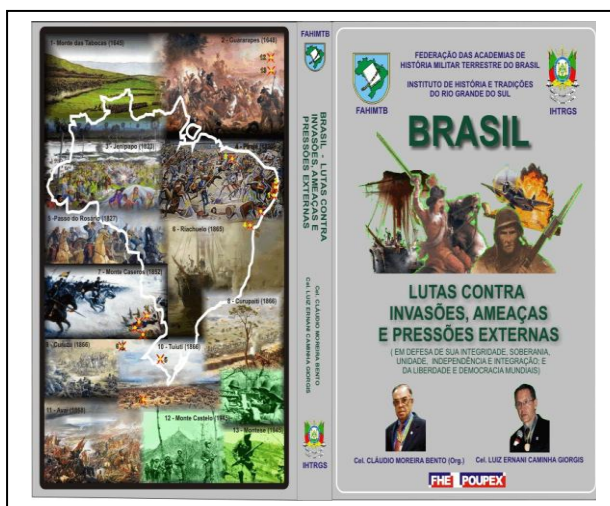
A FEB foi embaixadora da **atualização do Exército** dos padrões operacionais na **Primeira Guerra** para os da Segunda.

Como fatos negativos a serem respondidos um dia pela História e apontados por alguns analistas, como resultado da convivência e influência militar americana, foi o permitir-se o desmantelamento da nascente Indústria Bélica do Exército, em função da aquisição fácil e barata de excedentes americanos e o desestímulo e quase abandono do esforço de nacionalização da **Doutrina do Exército Brasileiro**, sugerida pelo Duque de Caxias, em 1861 como Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros. **Doutrina do Exército** que recebeu forte estímulo criador de 1919-1939, dos **Jovens Turcos** da centenária em 20 setembro de 2013 **Revista A**

Defesa Nacional, da Missão Indígena da Escola Militar do Realengo e da **Missão Militar Francesa** e de alguns expressivos pensadores militares brasileiros da época, como o Cel J. B. Magalhães e o próprio Marechal Humberto Castel Branco, hoje denominação histórica da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. E sem esquecer o Cel Amerino Raposo Filho, hoje patrono de cadeira especial da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil e meu mestre na ECEME em Arte e Ciência da Guerra com seu precioso livro a Manobra na Guerra



Plaquetas que publicamos, disponíveis em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.or.br, criado e administrado por nosso filho Capitão de Mar-e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, atualmente Instrutor de Navegação na Escola Naval e autor do livro didático NAVEGAÇÃO INTEGRADA e de artigos nas revistas a Villegaignon da Escola Naval e na Revista Marítima Brasileira, bem como autor das capas de muitos livros de nossa autoria sobre História do Exército Brasileiro, como as capas abaixo de nossos dicionários de Brasil Lutas Internas e Externas disponíveis para baixar no site www.ahimtb.org.br



A capa da plaqueta A participação das Forças Armadas e a Marinha Mercante na 2ª Guerra Mundial é de autoria do hoje acadêmico emérito da FAHIMTB General PLÍNIO PITALUGA, tataraneto de Ricardo Almeida Franco, o Patrono dos Engenheiros Militares do Brasil e patrono de cadeira na FAHIMTB